

Angústia: tradução subjetiva do objeto *a*

Vimos como se delineou o conceito de objeto *a*, constituído por Lacan a partir do legado freudiano, ao mesmo tempo objeto da angústia e causa de desejo. Vejamos agora como opera este objeto na causação da angústia. A leitura do *Seminário 10*, de Lacan, nos permite identificar várias formas de apresentação deste problema. Entretanto, é possível extrair uma constante desse percurso, a saber, que a angústia não é sem objeto, ela acontece diante de algo, é a única tradução subjetiva do objeto *a* (Lacan, 1962-1963, p. 113). Esse algo de que se trata, o objeto *a*, neste seminário surge ora como fração estranha que não se encaixa no imaginário, ora como resto caído que não se inscreve no simbólico.

Predominando nas lições iniciais, temos o paradigma do “imaginário perturbado” (Miller, 2005a, p. 57). Segundo esta vertente, a angústia seria o preenchimento de um vazio que deve ser preservado no campo visual. Neste momento, a inquietante estranheza freudiana é posta como eixo fundamental daquilo que angustia, privilegiando a visão deste afeto como uma desestruturação radical da cena do mundo. A aparição disruptiva do objeto se dá na forma de uma intrusão geradora de angústia. “O objeto ansiogênico faz irrupção, em casos especiais, num campo onde normalmente ele não tem lugar” (*Ibidem*, p. 63).

Em contraposição a esse caráter de irrupção abrupta e desestruturante no imaginário, vemos também a angústia como sinal do real, sinal da aproximação de um objeto também estranho ao simbólico. Nesse nível, ainda anterior à formação da unidade do eu, vemos o objeto como resto da operação de divisão entre sujeito e Outro. No âmbito dessa operação, Lacan localiza a angústia entre um sujeito de gozo, mítico, e um sujeito barrado, sujeito do desejo.

Estes dois modelos, como aponta Miller (2005a), mostram um movimento entre a aparição (do objeto) e a separação (pelo objeto), ou seja, entre a angústia como perturbação do imaginário e como operador constitutivo que faz no excesso, uma falta.

Quando estamos diante de uma irrupção de angústia, no entanto, não é possível estabelecer estes limites. Não há várias angústias, cada qual despertada

por um mecanismo ou por outro. Estes paradigmas são apenas esquemas de que se serve Lacan para construir sua teoria sobre a angústia e seu objeto ao longo do *Seminário 10* (1962-1963).

4.1

Aparições, aproximações e separações: da perturbação do imaginário à angústia constitutiva

Vimos, a propósito da operação de divisão que causaria o sujeito, sujeito do desejo, por excelência, a queda de um resto, indício da impossibilidade do simbólico de tudo significantizar. A esse resíduo real impossível de inscrever no simbólico, Lacan faz corresponder uma falta no nível imaginário. Ele nos diz que a relação entre o imaginário e o simbólico é indissociável.

A base da concepção da angústia como perturbação do imaginário é que sempre há um vazio a ser preservado no nível da imagem. Esse vazio é a marca da castração a que Lacan chamou de *-phi*. A angústia, neste plano do seminário, seria o preenchimento deste vazio no campo visual (Miller, 2005a).

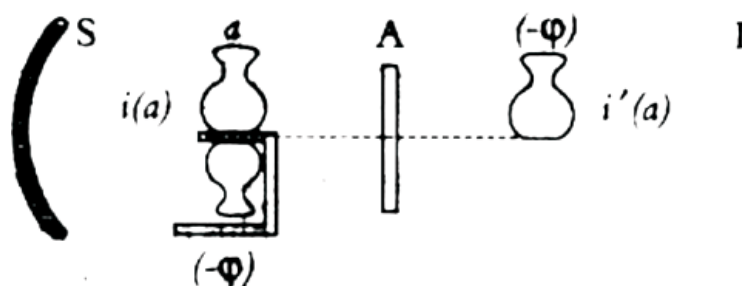
Seguindo o movimento de Lacan, remetamo-nos muito brevemente ao estágio do espelho para versarmos sobre a formação da unidade do eu que a presença desse objeto viria a desorganizar. Um primeiro vislumbre de organização do eu é demonstrado por Lacan (1949) a partir da imagem exemplar do momento jubilatório em que uma criança vivencia uma primeira experiência de reconhecimento de si como uma totalidade através da visão de sua imagem no espelho. Longe de ser uma etapa do desenvolvimento ou de algum processo de amadurecimento biológico, este reconhecimento passa pela autenticação do Outro, representado ali pela pessoa encarregada de seus cuidados e para quem a criança se volta a fim de evocar seu assentimento antes de voltar-se novamente para seu reflexo (Lacan, 1962-1963, p. 41). Temos assim, um entrecruzamento entre os eixos simbólico e imaginário: no nível da imagem, o eu é constituído como unidade, a partir das coordenadas que o Outro lhe fornece. Sendo assim, o eu se constitui no espelho do Outro.

No que Freud (1914) chamou de “nova ação psíquica” em seu ensaio sobre o narcisismo, essas coordenadas organizam a fragmentação própria ao

autoerotismo²³. Lacan (1962-1963, p. 132) pontua que, antes do estágio do espelho, o que se tem é uma completa desorganização, uma falta de si. Esse seria o verdadeiro sentido do autoerotismo. O eu é, portanto, uma organização de superfície²⁴ que advém deste fundo pulsional autoerótico em torno do qual ele se diferencia.

(...) estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos autoeróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo (Freud, 1914, p. 84).

Isso se dá de várias formas, apenas metaforizadas pela cena do reconhecimento no espelho. Chega-se ao mundo com um nome, um lugar reservado e se é falado antes mesmo de nascer. Deste modo, o sujeito, bem como todas as coisas do mundo, vem “colocar-se em cena segundo as leis do significante” (Lacan, 1962-1963, p. 43). A dimensão da história, sustentada pela Outra cena, que é o inconsciente, define o que se pode dizer de si, mas sempre passando pelas significações do Outro. Para ilustrar essa articulação, Lacan propõe um esquema óptico onde a imagem real $i(a)$, “imagem do corpo funcionando na materialidade do sujeito propriamente libidinizado” (*Ibidem*, p. 49) – o corpo autoerótico a que Freud se referia como anterior ao narcisismo – só pode ser vista no espelho do Outro, como $i'(a)$. Neste lugar, ela é refletida com uma lacuna. Esta lacuna é o falo que aparece a menos, como reserva operatória ($-phi$).



Esquema óptico simplificado (Lacan, 1962-1963, p. 54).

²³ O termo autoerotismo é introduzido em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) a propósito da sexualidade infantil e designa a satisfação da pulsão sexual sem a presença de objeto sexual externo. Esse prazer, inicialmente, surge apoiado numa função vital e encontra-se sob o domínio de uma zona erógena.

²⁴ “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (Freud, 1923, p. 39).

Essa $i'(a)$, imagem virtual de $i(a)$, marcada por $-phi$, é a única a que se tem acesso. No nível da imagem virtual, o $-phi$ corresponde ao lugar do a , presente na imagem real, e, deste modo, inacessível, por não se submeter ao que do Outro se recebe. Retornando ao esquema óptico, vemos que o contorno que o vaso (a imagem corporal) dá ao seu conteúdo (a pulsão) deixa transbordar algo para além do gargalo. Este para além não entra na imagem virtual ($i'(a)$). Da imagem real, portanto, o homem atinge somente a imagem virtual “sem nada no gargalo do vaso” (*Ibidem*, p. 51).

Já vimos que essa reserva, “carência positiva” (*Ibidem*, p. 283) – antes, referida ao resto resultante da incidência do simbólico no real – é a garantia do movimento do desejo, sem o qual não há vida subjetiva possível. O que Lacan chamou de “ponto de desejo” (*Ibidem*, p. 286) é marcado pela ausência de a . O a , presente na imagem real, muito próximo para que possa ser visto, é um ponto cego na imagem corporal. Ele está aquém da imagem causando o desejo. “Quanto mais o homem se aproxima, cerca e afaga o que acredita ser o objeto de seu desejo, mais é na verdade, afastado, desviado dele”²⁵ (*Ibidem*, p. 51).

A angústia aparece quando alguma coisa preenche o lugar de $-phi$, que corresponde ao lugar ocupado, no real, por a . “(...) Quando aparece algo ali, portanto, é porque, se assim posso me expressar, a falta vem a faltar” (*loc. cit.*).

4.1.1

Unheimlich

É neste contexto, da angústia como o ponto de torção entre o desejo e a perturbação da cena pela aparição deste objeto, que Lacan retoma, então, o texto de Freud sobre a experiência do estranho (*Unheimlichkeit*), “eixo indispensável para abordar a questão da angústia” (*loc. cit.*). É aí que Lacan, seguindo os passos de Freud, pretende localizar o núcleo daquilo que angustia.

O tema do estranho, Freud (1919) o relaciona com o que é assustador e

²⁵ Em $i'(a)$ o objeto está velado pela fantasia, que, serve de defesa contra a angústia e é o único meio de sustentação da relação do sujeito com esse objeto (Lacan, 1962-1963). “Se o desejo existe e sustenta o homem em sua existência de homem, é na medida em que a relação ($S \diamond a$) é acessível por algum desvio, em que certos artifícios nos dão acesso à relação imaginária constituída pela fantasia (...)” (*Ibidem*, p. 51). O desvanecimento da fantasia representa um curto-circuito desse desvio e um desnudamento deste objeto que deveria estar velado.

com o que provoca medo e horror, procurando distinguir algum elemento que permita destacar essa experiência do vasto campo do amedrontador. Com este objetivo, conforme já visto, ele dedica bastante espaço de seu artigo sobre o estranho à análise linguística do termo, mostrando que *Unheimlich* e seu oposto chegam a coincidir em alguns pontos. Transpondo esta ambiguidade para o esquema que acabamos de discutir, poderíamos dizer que *-phi* é o *heim* (Lacan, 1962-1963). A esse termo Lacan confere a acepção de casa do homem,

encontrada num ponto situado no Outro para além da imagem de que somos feitos. Esse lugar representa a ausência em que estamos. Supondo-se, o que acontece, que ele se revele tal como é, – ou seja, que revele ser a presença em outro lugar que produz esse lugar como ausência –, ele se torna o rei do jogo, apodera-se da imagem que o sustenta (*Ibidem*, p.58).

Indicando que a natureza do objeto da angústia guarda estreita relação com o fenômeno do estranho, Lacan afirma, neste momento, que a *Unheimlichkeit* é aquilo que aparece no lugar em que deveria estar o menos *-phi*. *Unheimlichkeit* e objeto *a* parecem confundir-se. A natureza peculiar da estranheza desta aparição, portanto, diz respeito ao que há de estranho e irreconhecível naquilo que é familiar, fórmula análoga à aparição de *a* no lugar de *-phi*. “É através dessa função do resto libidinal cortado do imaginário que Lacan explica a razão do *Unheimlich*” (Miller, 2005a, p. 73).

Para ilustrar esta vivência, Freud narra uma situação em que, num vagão de trem onde viajava, um solavanco um pouco mais forte abre a porta do toalete revelando a presença de um senhor de idade, que ele julgou ter entrado por engano em sua cabine. Ele estranha algo naquela figura, contra a qual sentiu uma antipatia instantânea, até perceber se tratar do seu próprio reflexo. Este estranhamento momentâneo revela o caráter ambíguo e frágil da imagem especular que guarda em seu âmago um estranho que sempre esteve lá, encoberta por algo que por vezes vacila em sua função de velar o objeto e preservar a realidade que conhecemos (Freud, 1919, p. 265).

Além dessa, uma série de situações é apresentada para discutir esse fenômeno, sempre sendo privilegiada a interpretação de que a torção entre o familiar e o estranho é operada pelo mecanismo do recalque. Assim sendo, o estranho seria uma experiência muito especial do retorno do recaiado; uma fração daquilo que é familiar que se apresenta como desconhecido. Entretanto,

antecipando o que seria trazido por “Além do princípio do prazer” (1920), publicado no ano seguinte, Freud também traz a estranheza diante da recorrência do mesmo, da repetição de situações e de coincidências que já apontam para o que ele teorizaria sobre a compulsão à repetição. Esta é a indicação de que no estranho é apresentado algo que não se inscreve ou se recalca.

4.2

Angústia: o pré-sentimento

Apresentar o a , em primeiro lugar, no nível da imagem, permite que Lacan não só explicita sua hipótese – acima de tudo, freudiana – de que a angústia “não é sem objeto” (Lacan, 1962-1963, p. 113), mas também defina com mais clareza o estatuto deste objeto como deslocado e inassimilável pelo campo visual, em oposição aos objetos do mundo, todos constituídos no nível especular. Sobre isso, Miller (2005a) distingue objetos de duas naturezas:

os objetos (...) de troca, reconhecíveis e normais, (...) ao mesmo tempo especulares e simbolizáveis; e os objetos de um outro tipo, como se anteriores a essa comunidade imaginária, que não são regulados, mas sim carregados de uma (...) carga pulsional (*Ibidem*, p. 74).

Este último tipo insiste a partir do campo da pulsão como tal e diz respeito ao real impossível de capturar. Esse real, que parece se impor na inquietante estranheza como uma aparição, Lacan o localiza na experiência da angústia também como um perigo que se aproxima e ameaça com a possibilidade de seu retorno. Para uma percepção estranha e desestruturante do objeto no domínio da imagem, há um correlato no simbólico: a aproximação do objeto extraído da operação de divisão do sujeito.

No nível de $\$$, a iminente presença do objeto nos ameaçaria com o retorno àquele estado mítico inicial da “mônada primitiva do gozo” (Lacan, 1960-1961, p. 425). Lacan, discorrendo sobre a análise do caso Hans e sua relação com a castração, define uma imagem que podemos usar em nosso auxílio

o que há de mais angustiante para a criança é, justamente quando a relação com base na qual esta falta se institui, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada, e ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade da falta (...) (Lacan, 1962-1963, p. 64)

Há, portanto, um outro nível de perturbação, mais fundamental, na positivação do objeto a , em que não só a imagem corporal está ameaçada, mas a própria constituição subjetiva.

Na décima segunda lição do seminário sobre a angústia, Lacan propõe uma reorganização da operação de divisão do sujeito. Nela, o nível do objeto a é o ponto médio anterior ao advento do sujeito (\$) no lugar do A. \$ encontra-se, agora, como termo derradeiro da divisão. Em seguida, Lacan (1962-1963) nomeia cada um dos níveis resultando na seguinte divisão:

A	S	x
a	$\backslash$	angústia
\$		desejo

A angústia entre x e o desejo (*Ibidem*, p. 179).

Mais tarde, o x será substituído pelo termo gozo, donde Lacan depreende a fórmula da angústia como ponto médio entre o desejo e o gozo. A angústia é, pois, da ordem de uma aproximação, pois não é possível retornar a esse gozo como unidade totalizante miticamente localizada nos primórdios da origem subjetiva, antes mesmo do subjetivo se constituir como tal. Se esse retorno fosse possível, teríamos a morte subjetiva, o fim do sujeito do desejo. A angústia não é, portanto, uma experiência de mergulho no real, mas um fenômeno de borda, entre o desejo e o gozo. Ela testemunha um momento da constituição subjetiva anterior à falta inscrita como castração, inerente à entrada na dimensão simbólica. Neste sentido, há uma dimensão constitutiva da angústia. Ela incide como “operador que faria da exigência pulsional, objeto causa de desejo” (Miller, 2005a, p. 56).

Os processos psíquicos, essencialmente dinâmicos, movimentos de substituição e deslizamento entre as representações, demandam um vazio operatório, uma margem de manobra, como num jogo de “resta um”.

É no nível da angústia que surge a função do a , a angústia o produz.

na medida em que ele é a sobra, por assim dizer, da operação subjetiva, reconhecemos estruturalmente neste resto (...) o objeto perdido. É com isso que lidamos, por um lado, no desejo, por outro, na angústia. Lidamos com isso, num momento logicamente anterior ao momento em que lidamos com isso no desejo (Lacan, 1962-1963, p. 179).

Como dissemos, estas concepções da angústia que destacamos, assim como outras encontradas no *Seminário 10* (1962-1963), não devem ser confundidas com diferentes causas de emergência deste afeto. São apenas formas de abordagem que facilitam o delineamento do caráter constitutivo deste afeto e da dimensão real de seu objeto. Deixemos de lado agora os esquematismos da operação de constituição subjetiva, para usarmos estas elaborações como subsídios com o objetivo de discutir a irrupção da angústia em contextos mais clínicos.

4.3

Angústia na clínica contemporânea: os ataques de pânico

Os diversos aspectos que tem assumido a angústia na contemporaneidade têm levado à discussão o alcance e os limites da psicanálise diante do mal-estar atual. Vimos como, desde o início, a clínica psicanalítica teve de se haver com manifestações de angústia que não apontam claramente para nenhuma formação do inconsciente, mas se apresentam na forma de uma invasão, um excesso que escapa a toda explicação, de modo que, tal embaraço gerado atualmente por este tema não é novidade para a técnica proposta por Freud, que já se via às voltas, em sua prática, com sintomas que impunham sérios obstáculos à interpretação.

Na clínica atual, este impasse é representado, entre outros sintomas, pelos chamados “ataques de pânico”, termo que ganhou relevância com a introdução do “transtorno de pânico” na terceira edição do *Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Psiquiátrica Americana* (DSM-III). Neste manual, uma reformulação na classificação dos ditos “transtornos ansiosos” isolou uma categoria que se destacava pela apresentação aguda e exuberante de sintomas físicos. Os ataques de pânicos passaram a constituir o conjunto sintomático nuclear determinante para esse diagnóstico.

4.3.1

Psicopatologia contemporânea e abordagens possíveis do pânico: entre o cérebro e o objeto

De acordo com o *DSM-IV*, os ataques de pânico são representados

por um período distinto no qual há o início súbito de intensa apreensão, temor ou terror, frequentemente associados com sentimentos de catástrofe iminente. Durante esses ataques, estão presentes sintomas tais como falta de ar, palpitações, dor ou desconforto torácico, sensação de sufocamento e medo de enlouquecer ou de perder o controle (Associação Psiquiátrica Americana, 1994, p. 419).

Eles ocorrem isoladamente no contexto de outros transtornos de ansiedade, bem como de uma série de transtornos de outra natureza, como transtornos do humor e transtornos relacionados a substâncias, ou ainda de condições médicas gerais. Seu aspecto distintivo, a saber, um período de intenso medo ou desconforto, deve ser acompanhado por pelo menos quatro entre os treze sintomas somáticos ou cognitivos abaixo para caracterizar um ataque:

1. palpitações ou taquicardia
2. sudorese
3. tremores ou abalos
4. sensações de falta de ar ou sufocamento
5. sensações de asfixia
6. dor ou desconforto torácico
7. náusea ou desconforto abdominal
8. sensação de tontura, instabilidade, vertigem ou desmaio
9. desrealização (sensações de irrealidade) ou despersonalização (estar distanciado de si mesmo)
10. medo de perder o controle ou enlouquecer
11. medo de morrer
12. parestesias (anestesia ou sensações de formigamento)
13. calafrios ou ondas de calor (*Ibidem*, pp. 421-422)

Além dos critérios de definição do ataque a partir de suas manifestações, há ainda uma subclassificação que se refere à presença ou não de “ativadores situacionais” e às relações destes com o início do ataque. Os *ataques de pânico inesperados*, não evocados por ativadores situacionais internos ou externos, são espontâneos, “vindos do nada”; os *ataques de pânico ligados a situações* são evocados pela exposição a um ativador ou por sua mera antecipação; os *ataques*

de pânico predispostos por uma situação são semelhantes aos anteriores, mas não estão intrínseca e imediatamente ligados a situação evocadora. É requisito indispensável para o diagnóstico de transtorno de pânico a ocorrência de ataques de pânico inesperados. O contexto em que um ataque desenvolve-se assim como “o foco da ansiedade associada aos ataques de pânico” (*Ibidem*, p. 421) também são fatores extremamente relevantes para o diagnóstico diferencial. A indeterminação dos ataques é o caráter decisivo que destaca o pânico de outros transtornos de ansiedade.

Podemos dizer que há semelhanças nosológicas entre este quadro clínico e a neurose de angústia. Até o *DSM-III*, a Psiquiatria e a Psicanálise compartilhavam a categoria neurose de angústia, aquela mesma apresentada por Freud em 1895. O ataque de angústia, sintoma que compunha, junto com outros, a síndrome da neurose de angústia, foi descrito por Freud em termos muitos semelhantes aos do atual ataque de pânico:

(...) pode consistir apenas no sentimento de angústia, sem nenhuma representação associada, ou ser acompanhado da interpretação que estiver mais à mão, tal como representações de extinção da vida, ou de um acesso, ou de uma ameaça de loucura; ou então algum tipo de parestesia (...) o sentimento de angústia pode estar ligado ao distúrbio de uma ou mais funções corporais - tais como a respiração, a atividade cardíaca, a inervação vasomotora, ou a atividade glandular. (...) o sentimento de angústia frequentemente recua para o segundo plano ou é mencionado de modo bastante irreconhecível, como um “sentir-se mal”, “não estar à vontade”, e assim por diante (Freud, 1895, p. 96).

Apesar de o assunto não ser novidade, a Psiquiatria e as neurociências têm proposto uma maneira de explorar a questão bem distante da freudiana. Recorrem às possíveis bases neuroquímicas do ataque de pânico para tentar dar conta de sua incompreensibilidade. Sua resposta é tentar situar a causa na materialidade do cérebro.

A esse respeito, Ehrenberg ressalta uma dissolução da dicotomia entre doenças da função x doenças da lesão, fundada sobre a clínica e estabelecida entre os anos 1880, o que, na primeira década do século XX, tornou-se fundamental para a delimitação da fronteira entre Psiquiatria e Neurologia. Naquele contexto, a Psicanálise emergiu como uma clínica disposta a atuar sobre uma “outra objetividade” (Ehrenberg, 2009, p. 192), a realidade psíquica, que prescinde de explicações de base fisiológica. Havia, nessa época, certa autonomia da função em

relação à lesão, o que garantia a separação entre “o homem cerebral da Neurologia e o homem falante da Psicopatologia” (*Ibidem*, p. 193). Hoje, ao contrário, vemos a banalização de uma “neurobiologia do sujeito” (*Ibidem*, p. 190) que aos poucos assimila a Psiquiatria e parece buscar oferecer subsídios para sua transformação em uma clínica de doenças de lesão do sistema nervoso. “O objetivo é compreender os mecanismos celulares e moleculares com a esperança de que, a longo prazo, se poderá agir sobre o cérebro para modificar os estados mentais” (*loc. cit.*)

Também o pânico não escapa de ser enquadrado nesta lógica. Ele próprio foi incluído nas recentes classificações a partir da resposta favorável de um grupo de sintomas ansiosos a uma substância específica, a imipramina (Landeira-Fernandez, Cruz & Brandão, 2006). Ao ser criado desta forma, o pânico já nasce como *déficit* ou disfunção neuroquímica. Assim sendo, a abordagem proposta pela Psiquiatria e pelas terapias solidárias a ela é que há uma desadaptação da resposta ao estímulo, seja por razões que se pretende localizar no sistema nervoso, seja por uma falha na formação de comportamentos.

Este debate parece nos conduzir de volta àquele entre Freud e seus interlocutores sobre angústia neurótica e realística. Vemos no tratamento dado à questão pelo discurso dominante da Neurociência um completo apagamento do campo subjetivo e um retorno à Psicologia animal: ou há uma resposta adaptada ao estímulo ou uma disfunção orgânico-comportamental.

Com o paradigma das neurociências e o estabelecimento da angústia (ou melhor, da ansiedade, segundo o jargão da Psicopatologia contemporânea) como signo de disfunção neuroquímica, além do forte apelo da medicação e dos tratamentos relâmpago – ambos prometendo retirar a angústia de cena – torna-se cada vez mais difícil para a Psicanálise, no que se refere ao pânico, reafirmar sua aposta no sujeito por trás do sofrimento psíquico. Mesmo com todas as semelhanças entre angústia e pânico, sendo este último uma produção do discurso psiquiátrico, qual a leitura que a Psicanálise pode oferecer a este fenômeno?

Vemos, assim, na clínica atual, um afã de descrever e classificar, segundo parâmetros estatísticos (para, então, tratar) o sofrimento psíquico. Diante desse estado de coisas, perguntamo-nos se, de fato, mudaram os sintomas ou o olhar daqueles a quem são endereçados (Nicéas, 2000). Pois bem, a contribuição dada

pela Psicanálise tem caminhado no sentido de acolher a desadaptação e o desamparo presentes nos ataques de pânico e aproximá-los do terreno do angustiante. Uma aproximação por esse viés permite formular como proposta de abordagem da incompreensibilidade do pânico o objeto irrepresentável da angústia. No lugar do cérebro, a pulsão; no lugar da resposta quimicamente desregulada diante de estímulo algum, o objeto *a*, enquanto “reserva derradeira e irreduzível da libido” (Lacan, 1962-1963, p. 121).

Lançar alguma luz sobre a questão partindo da hipótese de que o pânico e a angústia apresentam semelhanças em termos estruturais permite que a Psicanálise responda a essa demanda dentro da especificidade de sua prática, sem retirar-se da discussão ou deixar-se capturar pelas respostas e soluções que a Medicina oferece a esse problema.

Sendo assim, se nossa hipótese de base é a de uma articulação entre os campos do pânico e da angústia, discutiremos um fragmento que acreditamos propiciar uma aproximação do tema. Permitimo-nos aqui adotar um sentido mais amplo do termo pânico a fim de tratar do assunto sem a rigidez característica da abordagem classificatória dos manuais diagnósticos. Por isso, para falarmos de pânico, falaremos de angústia. Esperamos que um critério mais estrutural que fenomênico nos permita uma aproximação do pânico com as experiências do campo do angustiante pelo caráter de ruptura e horror. Ruptura com toda referência subjetiva, posto que o sujeito tomado pela angústia é afetado, como vimos, por uma experiência da ordem do gozo, portanto, anterior a ele mesmo enquanto sujeito do desejo e do significante. Por essa razão, o horror é diante de um objeto irreconhecível e inominável. Logo, as experiências do âmbito do angustiante, onde está envolvida, além do horror, a pulsão, dizem respeito a um tudo ou nada onde “o sujeito é premido, afetado, implicado no mais íntimo de si mesmo (...) é justamente do lado do real que temos que procurar” (Lacan, 1962-1963, p. 191), ou seja, do lado do que é também mais estranho e inacessível.

Assim como no afeto da angústia e nos ataques de pânico, vemos na inquietante estranheza freudiana – estreitamente articulada à angústia, como acabamos de ver – uma experiência de desfalecimento do mundo e de esmagamento, condicionada por uma aproximação do real enquanto presença

maciça, sem as fissuras, sem o corte que é função do simbólico construir²⁶. Para delinear essas experiências usaremos um fragmento da ficção, campo privilegiado de apreensão de experiências tão fugidias e indizíveis como o estranho, a angústia e o pânico.

4.3.1.1

Gozo e horror em “O homem da areia”: uma aproximação entre pânico, angústia e estranheza

Em “O estranho” (1919), Freud, a fim de discutir a *Unheimlichkeit*, elege a análise de uma obra da literatura, especificamente um conto de E. T. A. Hoffmann, “mestre incomparável do estranho na literatura” (p. 251). Com a retomada dessa análise, pretendemos articular as crises de pânico com a angústia usando o mesmo conto escolhido por Freud, a saber, “O Homem da areia” (1816), para falar do que acreditamos terem essas experiências em comum.

4.3.1.1.1

O conto

Este conto narra o infortúnio do jovem Natanael, que, no início da estória, escreve uma carta a seu amigo Lotar, em que expõe um incidente aparentemente sem importância, mas que, para ele parece ter sido motivo de enorme perturbação: seu encontro com um vendedor de barômetros. Para justificar o motivo de sua aflição, ele narra a seu interlocutor uma sequência de acontecimentos funestos de sua infância. Destacam-se duas cenas entre as que se desenvolvem no conto e que acreditamos representar um desencadeamento de angústia diante da presença de um objeto real.

Certas noites, depois de jantarem e passarem momentos muito aprazíveis na companhia do pai, o pequeno Natanael e seus irmãos deviam se retirar às nove da noite, quando sua mãe, muito triste, dizia: “E agora, crianças, para a cama, para a cama! O Homem da Areia está chegando, já posso ouvir seus passos” e

²⁶ “A linguagem só é concebível como uma rede, uma teia sobre o conjunto das coisas, sobre a totalidade do real. Ela inscreve no plano do real esse outro plano a que chamamos aqui o plano do simbólico” (Lacan, 1954, pp. 298-299).

realmente se ouviam passos subindo as escadas. Quando indagada por Natanael sobre o Homem da Areia, sua mãe respondia que de fato ele não existia, que quando era chegada a hora de dormir os olhos ficavam pesados como se alguém tivesse lançado areia sobre eles, tratando-se então apenas de uma figura de linguagem. Porém, uma velha criada explicou ao menino que o Homem da Areia era um homem muito perverso que jogava areia sobre os olhos das crianças desobedientes fazendo-os saltar ensanguentados de suas órbitas, depois, ele os levava para a lua onde serviriam de alimento a seus rebentos que mordiscavam, com seus bicos de coruja, os olhos arrancados das crianças. Desde então, o protagonista passou a sentir-se atormentado pela assustadora figura do Homem da Areia e na hora de se retirar para dormir mal podia ouvir passos pela escada para correr para o quarto gritando em prantos: o Homem da Areia! O Homem da Areia!

Tempos depois, apesar de já estar mais crescido, o menino continuava assombrado pelo terrível fantasma do Homem da Areia. Uma noite ele decidiu então se esconder no escritório de seu pai e esperar o desconhecido visitante, que espalhava pela casa “um vapor suave e de raro odor”. Dentro do armário, onde estavam penduradas as roupas de seu pai, Natanael constatou que o fantasma de sua infância era o advogado Coppelius, uma figura medonha que causava horror e repugnância, principalmente nas crianças, quando ia à casa em dias de festa. Ao assistir a Coppelius, cercado do que pareciam ser rostos humanos, com profundas cavidades no lugar dos olhos, retirar do fogo massas incandescentes gritando: “Que venham os olhos, que venham os olhos!”, Natanael não se contém e solta um grito de horror, sendo surpreendido por Coppelius, que, rangendo os dentes ameaça jogar nos olhos do menino um punhado de brasas incandescentes. O pai do menino, intercedendo por ele, implora para que seus olhos sejam poupados. O advogado, porém, começa a manipular o corpo de Natanael, girando suas mãos e seus pés como se ele fosse um autômato. Neste momento, Natanael tem uma convulsão e perde a consciência. Coppelius não mais aparece. Diziam que havia saído da cidade, até que, um dia, voltou à casa e, durante sua visita, falece o pai de Natanael.

Agora um jovem rapaz, Natanael expõe todos estes acontecimentos para dizer ao amigo que o advogado Coppelius e o vendedor de barômetros, que atendia pelo nome de Giuseppe Coppola eram a mesma pessoa, estando decidido

a procurá-lo a fim de vingar a morte de seu pai.

Esta carta acaba por cair nas mãos de sua noiva que acha toda aquela história fruto da imaginação fértil do rapaz. Há um desentendimento entre os dois e um rompimento temporário.

De volta a cidade de G., onde deveria permanecer por mais um ano até que concluísse seus estudos, cessam os breves dias de felicidade do rapaz. Chegando lá, vendo que sua casa queimava, foi transferido para outra moradia onde lhe reservaram um quarto que ficava defronte à casa de Spalanzani, seu professor de Física. De sua janela podia olhar diretamente para o quarto de Olímpia, a misteriosa, inerte e reclusa filha do professor. Um dia, Coppola bate à porta do jovem estudante, que o recebe com frêmito. Esforçando-se para manter o controle, Natanael fala que não deseja comprar barômetros, ao que o vendedor responde: “Ah, não, barômetro não, barômetro não! Mas tenho olhos, *belli occhi!*” Em choque, o estudante o acusa de ser um louco, afinal, como alguém poderia vender olhos? No entanto, Coppola saca de seu sobretudo óculos e lunetas, desfazendo o mal entendido.

Natanael fica um pouco atordoado com os óculos que cintilavam sobre a mesa, mas decide comprar um pequeno binóculo de bolso com o qual avista, através da janela, o semblante de Olímpia, sentada em seu quarto como de costume.

Ao voltar para casa, depois de uma aula, percebe certa agitação em frente à casa do professor Spalanzani e descobre que este daria uma festa no dia seguinte, para a qual Natanael foi convidado, e que sua filha apareceria em público pela primeira vez. Durante a festa o jovem fica embevecido com a beleza da filha do anfitrião, porém havia nela algo de rígido e comedido, um automatismo que não escaparia aos olhares mais atentos daqueles que zombavam de Natanael, que nada percebia em seu inebriamento pela moça.

Tendo esquecido completamente que deixara uma noiva em sua cidade natal, Natanael passa então a visitar Olímpia com frequência e cortejá-la, se indispondo com alguns colegas que insistiam em atribuir a ela uma total estupidez. Decidido a pedir a mão de sua amada, o jovem corre à casa de Spalanzani e lá surpreende uma discussão entre o professor e Coppola, onde eles disputam furiosamente a posse de Olímpia. Coppola a põe nos ombros e a arrasta

para fora da sala quando o rapaz constata que no lugar dos olhos o autômato (Olímpia) tinha cavidades negras. Vendo no chão os olhos ensanguentados da boneca ele os fita fixamente até que Spalanzani os atira em seu peito afirmando que aqueles olhos na verdade tinham sido tirados do próprio Natanael. A loucura o arrebatava de todo e ele começa a gritar enfurecido “Roda de fogo – Roda de fogo! Gire, roda de fogo, alegremente – alegremente! – Bonequinha de madeira, zum, bela bonequinha de madeira, gire...”, se lançando sobre o professor na tentativa de estrangulá-lo, mas sendo detido a tempo e levado ao manicômio. Após um período de recuperação, Natanael volta a se estabelecer em sua cidade e, num passeio com Clara, com quem acaba reatando o noivado, avista, através de seus binóculos, do alto da torre em que se encontravam, o rosto de Coppelius, no meio da multidão. Natanael, completamente enlouquecido, tenta lançar a noiva torre abaixo, sendo impedido por seu futuro cunhado. Abandonado no alto da torre, em tal estado de desarvoramento, Natanael se atira e morre diante de todos.

4.3.1.1.2

O comentário freudiano (não sem Lacan)

O principal elemento destacado por Freud na análise da narrativa é a ameaça de perder os olhos, representada pela figura do homem da areia. Ele deriva daí uma lista de situações que, assim como essa, remontariam ao medo de castração, onde ele concentra todo o peso da interpretação das crises de angústia sofridas pelo protagonista.

Membros arrancados, uma cabeça decepada, mão cortada pelo pulso (...), pés que dançam por si próprios (...) todas essas coisas têm algo peculiarmente estranho a respeito delas (...). Essa espécie de estranheza origina-se da sua proximidade ao complexo de castração (Freud, 1919, p. 261).

Em “O Homem da areia” (1816), a ameaça de perda, segundo a análise freudiana, aparece quando Natanael, ainda menino, teme pelos olhos, posteriormente pela morte do pai, pela destruição da boneca, pela perda do amor da noiva e, por fim, pela própria vida.

Por que razão, então, colocou Hoffmann essa ansiedade em relação tão íntima com a morte do pai? E por que o Homem da Areia aparece sempre como um perturbador do amor? (...) Na história, elementos como estes (...) tornam-se inteligíveis tão logo substituimos o Homem da Areia pelo pai temido, de cujas mãos é esperada a castração (*Ibidem*, 1919, p. 249).

Entretanto, na passagem em que se esconde para ver o pai reunido com o advogado Coppelius, assim como na situação em que presencia a discussão entre o professor e Coppola, vemos o objeto trazido para primeiro plano como aquilo que sobra, como excesso, e não como falta. Ele não está faltando no corpo, como castrado. Ele está sobrando na cena, “fora dos limites” (Lacan, 1962-1963, p. 180). Lacan, assim como fez com a lista de situações que provocam angústia enumeradas por Freud em “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926), mostra aqui novamente que o objeto não está perdido, mas presentificado onde deveria faltar. É preciso, portanto, distinguir o medo da castração do horror de sua ausência.

Natanael, antes movido pela vontade de ver, depara-se com um segredo terrível. Seu desejo de ver, enquanto a quem quer ver falta alguma coisa, está no campo da castração. Seu avesso é o horror de encontrar, horror do gozo, da falta de desejo, materializada na cena pela aparição dos olhos como objetos reais caídos do corpo e inassimiláveis à imagem. A angústia é o ponto de virada entre o desejo e o excesso; entre a falta e a falta da falta.

Sobre a perda dos olhos no mito de Édipo, Lacan diz

Aquele que possui o objeto do desejo e da lei, aquele que gozou com a mãe (...) dá um passo a mais, vê o que fez. Vocês sabem o que acontece então. Como dizer o que é da ordem do indizível, mas cuja imagem quero fazer surgir? Ele vê o que fez, e isso tem como consequência que ele vê (...), no instante seguinte, seus próprios olhos (...) como um monte confuso de dejetos (Lacan, 1962-1963, p. 180).

Não é a perda da visão, no entanto, que importa para Lacan, mas sim o fato de que, mesmo sem os olhos, Édipo vê os próprios olhos deslocados de suas órbitas, onde deveriam estar como ponto inacessível, invisível. “Não deixa de vê-los, de vê-los como tais, como objeto-causa enfim desvelado da concupiscência derradeira, suprema, não culpada, mas fora dos limites – a de ter querido saber” (*loc. cit.*). O momento da angústia, dessa forma, não é a perda dos olhos, mas o que Lacan chamou de “a visão impossível” (*loc. cit.*). Os olhos não estão perdidos, mas colocados na cena onde não deveriam estar: fora das órbitas,

destacados da imagem do corpo.

(...) Quando perdemos as principais marcas de estabilidade das informações que constituem nossa realidade, (...) estranhos objetos se tornam visíveis. Por objetar à harmonia da cena, dormiam debaixo do tapete ou no avesso do espelho, como em *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde; criaturas de horror, sem imagem, como vampiros e fantasmas, com poderes especiais por se furtarem às leis do Outro (Vieira, 2008, p. 78).

Nas duas cenas em que a perda dos olhos está em questão, vemos Natanael perder-se de si diante de algo que se desvela no lugar de *-phi*. No lugar do olhar e da mulher idealizada, olhos reais arrancados das órbitas e um autômato inerte; no lugar do desejo, o gozo. No meio do caminho, a angústia.

No preenchimento do Outro pelo tamponamento da falta, resta extrair algo da cena para que se possa respirar. “O objeto cai do sujeito em sua relação com o desejo” (Lacan, 1962-1963, p. 194). Natanael retira a ele próprio, caindo da cena, seja com seus desvarios e desfalecimentos, ou atirando-se da torre, no final trágico do conto.

Também nas crises de pânico poderíamos dizer que alguma coisa precisa ser extraída. Destacamos os sintomas corporais, a desrealização, a despersonalização e, principalmente a sensação de morte iminente como um apagamento em curso do sujeito, única possibilidade de sair de uma cena onde nada se consegue extrair. A via desta extração forçada é a passagem ao ato, onde vemos “uma saída de cena que não deixa mais lugar à interpretação, não deixa mais lugar ao jogo do significante” (Miller, 2005a, p. 75). O sujeito deixa-se “largar de mão”, “ele se encaminha para se evadir da cena” (Lacan, 1962-1963, p. 129-130).

Assim como vimos no caso Hans, as crises inexplicáveis de pânico costumam dar lugar à construção de um objeto fóbico. Em geral, uma agorafobia acaba por mapear as situações possivelmente ansiogênicas e o sujeito passa a se orientar no mundo balizado por esses pontos de evitação. Esta passagem da angústia para o medo é efeito da construção da castração sobre o gozo, da impressão de trilhamentos pelo sintoma sobre o real.

Como vemos, a face traumática da angústia tem prevalecido na clínica contemporânea sobre sua função de defesa. Permanece como questão para este trabalho, de que modo este transbordo que parece manifestar-se sem nenhum

tratamento diz algo sobre os nossos tempos. Ao objeto da angústia, marcado pela indeterminação, a esse objeto “meio barro, meio tijolo” (Vieira, 2008, p. 31), que destina uma técnica como a análise, que foi, num primeiro momento, construída sobre os pilares da interpretação de formações do inconsciente, poderia oferecer?